



UFSM

**PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR:
NARRATIVAS DOS SURDOS EM RELAÇÃO À
LÍNGUA PORTUGUESA**

Daiane Bairros Seeger

Curso de Graduação em Educação Especial

Santa Maria, RS, Brasil.

2014

**PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E
ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DOS SURDOS EM RELAÇÃO À
LÍNGUA PORTUGUESA**

Por

Daiane Bairros Seeger

**Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Educação
Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),
como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em
Educação Especial.**

Curso de Graduação em Educação Especial

Santa Maria, RS, Brasil.

2014

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Graduação em Educação Especial**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho de Conclusão de Curso

**PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E
ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DOS SURDOS EM RELAÇÃO À
LÍNGUA PORTUGUESA**

elaborada por
Daiane Bairros Seeger

como requisito parcial para obtenção do grau de

Licenciada em Educação Especial

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Ms. Anie Pereira Goularte Gomes (UFSM)
(Presidente / Orientadora)

Profª. Ms. Cláudia de Arruda Sarturi (UFSM)

Profª. Ms. Renata Ohlson Heinzemann Bosse (UFSM)

Profª. Ms. Camila Righi Medeiros Camillo (UFSM)
(Suplente)

Santa Maria, 10 de dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

Ao meu grande Deus, por estar me guiando e iluminando os meus caminhos

Aos meus pais Luiz e Fátima, pelo amor, carinho, compreensão e dedicação em todos os momentos

Aos meus irmãos Luiz Paulo, Carlos Henrique e *em memória* Alisson, por fazerem parte da minha vida e me apoiarem

Ao meu amor Tiago, que confiou no meu sonho e acreditou depositando sua confiança e apoio para seguir em frente

A Professora Anie Gomes por toda sua dedicação, paciência e compreensão durante este trabalho

Aos professores que contribuíram para eu chegar até aqui

As minhas queridas amigas Caroline e Tassiane pelo companheirismo durante esses quatro anos e por fortalecerem a nossa amizade, que seja eterna

A 36ª turma de Educação Especial Diurna da UFSM por ter me proporcionado momentos e aprendizagens inesquecíveis.

Amo vocês, obrigada!

“Para realizar grandes conquistas, devemos não apenas agir, mas também sonhar; não apenas planejar, mas também acreditar”.
(Anatole France)

RESUMO

Trabalho Final de Curso
Curso de Graduação em Educação Especial - Licenciatura Plena
Universidade Federal de Santa Maria

PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DOS SURDOS EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA

Autora: Daiane Bairros Seeger
Orientador(a): Anie Pereira Goularte Gomes
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 10 de dezembro de 2014.

Resumo:

O seguinte estudo tem como tema Práticas da Educação Bilíngue na Educação Básica e Ensino Superior: Narrativas dos Surdos em relação à Língua Portuguesa. Este Trabalho de Conclusão de Curso – TCC foi desenvolvido a partir de análises das entrevistas semiestruturadas realizadas com três alunos surdos do Ensino Superior da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. O objetivo é entender os sentidos e significados da aquisição da Língua Portuguesa como marcas da trajetória escolar. Na apresentação abordo a trajetória até ao tema de pesquisa e após a metodologia utilizada. Seguindo apresento as análises da materialidade com seis subcapítulos com as recorrências discursivas sobre o processo de aquisição da Língua Portuguesa narradas pelos surdos entrevistados. E por fim a conclusão. Este trabalho entende o sujeito surdo através dos campos teóricos dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, conhecendo e analisando as narrativas que os alunos entrevistados fazem sobre si em relação ao processo educacional.

Palavras-chave: Narrativas. Surdos. Língua Portuguesa. Educação Básica. Ensino Superior.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Roteiro da entrevista semiestruturada	34
Anexo B – Termo de consentimento	35
Anexo C – Entrevistas	37

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO: TRAJETÓRIA ATÉ AO TEMA DE PESQUISA	9
2. CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA	12
3. NARRATIVAS: ANÁLISES DA MATERIALIDADE	15
3.1. Língua de Sinais: imperativo na aquisição da Língua Portuguesa.....	15
3.2. A Língua de Sinais como processo na produção de identidade: status linguístico da comunidade surda	17
3.3. Determinismo em relação à Língua Portuguesa: relatos da incompletude linguística.....	19
3.4. Didática no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua: quem ensina e como se ensina?	21
3.5. Tradutor/Intérprete: profissional envolvido nas duas línguas	24
3.6. Família e currículo escolar: o papel no processo de ensino aprendizagem	26
4. CONCLUSÃO? PARA NÃO CONCLUIR	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS	33

1. APRESENTAÇÃO: TRAJETÓRIA ATÉ AO TEMA DE PESQUISA

Ingressei no curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) no ano de 2011, porém dois anos antes prestei vestibular para um curso não vinculado a educação. Durante esse tempo em Santa Maria fiquei trabalhando no setor comercial, mas sempre pensando no sonho de ingressar no ensino superior e cursar uma faculdade. Ao pesquisar as graduações ofertadas pela UFSM me deparei com a Educação Especial. Logo fiquei surpresa por não saber deste curso, busquei mais informações, me identifiquei com o perfil profissional e prestei o vestibular. Como citado acima ingressei na UFSM, mas ainda com algumas dúvidas referentes ao currículo do curso. No decorrer dos semestres estas dúvidas foram sendo sanadas e assim fui me encontrando e tendo certeza da profissão que gostaria de exercer como futura Educadora Especial.

No transcorrer da graduação me deparei com disciplinas voltadas especificamente para alunos surdos. Confesso que o medo tomava conta quando os professores falavam no estágio de surdez, mas logo o medo foi substituído pela ansiedade, curiosidade e muita vontade de chegar logo ao sétimo semestre.

No sexto semestre durante as disciplinas EDE 1052 – Avaliação e os Processos Culturais na Educação de Surdos e EDE 1020 – Alternativas Metodológicas para o aluno Surdo tive a oportunidade de conhecer a Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser localizada na cidade de Santa Maria/RS. Fiz observações em uma turma de 1º ano do 2º ciclo. Esta minha primeira inserção na escola gerou muitas expectativas para o estágio, mas sabia que haveria uma nova reformulação das turmas e eu poderia vir a fazer o estágio com outros alunos e foi o que aconteceu.

No sétimo semestre formei nova dupla e assim escolhemos a turma. A turma ao qual aconteceu o estágio era uma turma de 3º ano do 1º ciclo e era composta por três alunos. Na turma tinha uma aluna, filha de pais surdos, que possuía total fluência em Língua de Sinais (Língua Brasileira de Sinais – Libras), contava histórias com riqueza de detalhes, utilizava classificadores e também conservava os pontos estabelecidos no espaço. Tinha também um aluno que estava em processo de aquisição da Língua de Sinais, ou seja, narrava fatos, utilizava classificadores,

expressões faciais, porém nem sempre conseguia conservar os pontos que desejava estabelecer no espaço quando está sinalizando e por fim, tinha um aluno que se encontrava em seu estágio inicial de aquisição, utilizando sempre sinais isolados e sinalizava poucas vezes.

No decorrer do estágio percebi que aquele aluno que já havia adquirido a Língua de Sinais como primeira língua, possuía grande facilidade em aprender a Língua Portuguesa na modalidade escrita, diferente daquele que estava em processo de aquisição.

A partir disso, comecei a fazer indagações em relação ao aprendizado da Língua Portuguesa na escola de surdos e posteriormente a ela: Será que ter a Língua de Sinais como primeira língua facilitará o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita (L2)? Como a escola e seus professores vêm articulando a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa na modalidade escrita? Como acontece a formação continuada dos professores? Nós, enquanto estagiários estamos preparados para dar conta de articular as duas línguas durante o estágio? Como é abordada a Língua Portuguesa na modalidade escrita no contexto familiar? Quais as expectativas dos alunos que estão nos anos finais da escola de surdos em relação ao ensino superior? Qual a trajetória de alunos adultos que se encontram hoje no ensino superior? Como a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa vem sendo articuladas no ensino superior?

Obviamente, não pretendo aqui responder todas essas questões, mas foram elas que levaram a escolha do tema e problema de pesquisa. Observo que esse é um assunto recorrente tanto em espaços acadêmicos, espaços formativos e inclusive nas “rodas” de conversa da comunidade surda e profissionais envolvidos. Sendo assim, a partir das indagações surgidas no estágio e posterior a ele apresento a pesquisa *Práticas da Educação Bilíngue na Educação Básica e Ensino Superior: Narrativas dos Surdos em relação à Língua Portuguesa* desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura Plena em Educação Especial Diurno da UFSM.

Ao longo desta pesquisa quando direcionar-me a Língua Portuguesa estarei apontando para a modalidade escrita, pois é uma pesquisa voltada para a perspectiva do Bilinguismo. De acordo com Quadros e Schmiedt (2006, p. 18) “educação bilíngue envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional”. Assim, Silva (2012, p. 270) destaca:

Os surdos podem ser considerados bilíngues quando possuem a oportunidade de aprender tanto a língua de sinais, língua de acesso e emissão naturais às informações, como a língua portuguesa escrita como uma segunda língua que, inclusive, está presente de várias maneiras no cotidiano do surdo brasileiro.

De tal modo, esta pesquisa objetiva *entender os sentidos e significados da aquisição da Língua Portuguesa como marcas ao longo da trajetória escolar.*

Propus uma pesquisa que problematize as narrativas que vem sendo produzidas entre surdos que estão no ensino superior, utilizando entrevistas semiestruturadas feitas com três alunos surdos estudantes da UFSM. Assim delimito como problema de pesquisa: *Como surdos adultos narram sua aquisição de Língua Portuguesa no processo da educação básica e desdobramentos no ensino superior?*

Para pensar na pesquisa e na problemática do trabalho, busco olhar para o meu foco principal que é o sujeito surdo. Este que através do campo dos Estudos Culturais pertence a uma cultura diferente, ou seja, com uma diferença linguística e cultural. Deste modo o surdo é um sujeito com cultura, língua e identidades próprias. Deste modo procurei olhar e entender as narrativas acerca da surdez a partir das marcas da diferença e assim compreendi que não existe apenas uma narrativa, mas várias narrativas produzidas pelos surdos, predominantes em defesa da diferença linguística e cultural. Sobre o entendimento da diferença escolar Gomes (2011, p. 19) atenta para essas questões ao citar um debate entre representantes do governo e a comunidade surda:

De um lado, as perguntas surgiam: “você [surdo] têm a mesma cultura que nós [ouvintes]!!! Por que querem uma escola diferente? Você não são índios que moram em pedaço de terra distinto e têm uma cultura diferente!!! Você são como nós”. Do outro lado, a comunidade surda alegava ter sua história, *sua cultura*, sua língua, seu modo de entender a vida pela experiência visual, e pedia a quem exercia o poder a permissão para ter uma escola pensada para os surdos.

Sendo assim, essa pesquisa problematiza as narrativas sobre a Língua Portuguesa em um locus privilegiado de sentidos e significados: educação básica e ensino superior. Busca também “ouvir” o sujeito surdo falar sobre essa relação com sua segunda língua ao longo da trajetória escolar e as práticas que envolvem os espaços e tempos da educação de surdos.

2. CAMINHOS DA PESQUISA: METODOLOGIA

A problemática da pesquisa envolve as narrativas e as experiências que constituem uma trama discursiva acerca da Língua Portuguesa ao longo da trajetória escolar do aluno surdo. A partir desta problemática procurei conhecer e analisar os atravessamentos do aluno surdo no contexto do ensino superior da UFSM em relação às práticas da educação bilíngue e quais as narrativas produzidas sobre essa temática foram sendo produzidas nos anos de educação básica.

Para o desenvolvimento desta pesquisa busquei subsídios no campo teórico dos Estudos Culturais ao qual dão suporte aos Estudos Surdos, pois assim como os Estudos Culturais, os Estudos Surdos também enfocam nas questões culturais, práticas discursivas e identidades.

Os Estudos Surdos em Educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de preposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e o mundo dos surdos. (SKLIAR, 2001, p. 29).

De tal modo, este trabalho entende o sujeito surdo através dos campos teóricos dos Estudos Culturais e Estudos Surdos, conhecendo e analisando as narrativas que os alunos entrevistados fazem sobre si em relação ao processo educacional.

Toda a narrativa traz histórias que se atualizam ao serem contadas, também oferecem ao narrador a sua possibilidade de continuidade de acordo com o que lembra e seleciona para contar de sua vida. Ao narrar-me para o outro posso escolher acontecimentos de vida que quero imortalizar ou dar para o conhecimento do outro. Compartilho ao narrar-me das maneiras que quero ser visto e escutado. (LOPES, 2011, p. 259).

Para a elaboração desta pesquisa poderia ter escolhido entender o processo de aquisição da Língua Portuguesa a partir de crianças em processo de aquisição desta língua ou professores envolvidos nas questões bilíngues, mas optei por narrativas desse processo de educação básica já concluída e atualmente ingressos no ensino superior.

Para o desenvolvimento da pesquisa primeiramente elaborei o roteiro (anexo A) da entrevista semiestruturada com dez perguntas que foram realizadas com três surdos estudantes do ensino superior da UFSM com diferentes processos de escolarização. As perguntas foram elaboradas para darem direcionamento na conversa. Elaborei também o termo de consentimento (anexo B), explicando a temática de pesquisa, as possíveis publicações, além da publicação no trabalho final de curso e salientando ao sigilo e privacidade no que se refere à identidade.

O roteiro foi elaborado com o objetivo de conhecer e analisar os atravessamentos do aluno surdo ao longo do seu processo educacional e suas experiências positivas e negativas sobre a aquisição da Língua Portuguesa.

Após a elaboração do roteiro das entrevistas houve o agendamento com os entrevistados e também com a intérprete/tradutora. Assim, foi realizada a entrevista semiestruturada, ou seja, conversas direcionadas individuais, com intérprete/tradutora e filmadas (imagem e som). Devido ao anonimato denominei os três entrevistados como: A1, A2 e A3 e a escola citada no decorrer da conversa direcionada denominei escola "X".

As entrevistas foram feitas em Língua de Sinais privilegiando a língua dos entrevistados. Houve espaço livre entre as perguntas e no decorrer das entrevistas surgiram questões de importante relevância que foram adicionadas ao roteiro no momento da transcrição. Ao final de cada entrevista houve um espaço livre para os entrevistados colocarem suas opiniões referentes ao tema de pesquisa ou de algo que gostariam de acrescentar.

Deste modo, primeiramente foi elaborado o roteiro em português escrito e no momento da entrevista a entrevistadora fazia a pergunta oral e era interpretado para a Língua de Sinais. O entrevistado respondia e a intérprete/tradutora traduzia para a Língua Portuguesa. Após as entrevistas realizadas houve a transcrição escrita em Língua Portuguesa. Durante as transcrições algumas dúvidas surgiram e solicitei o auxílio da intérprete/tradutora para haver a conferência escrita junto ao vídeo. Em alguns momentos tivemos que assistir aos vídeos e a intérprete/tradutora regravava em português novamente. Foi um estudo para compor o corpus analítico da forma mais fiel as falas dos sujeitos da pesquisa.

Das três entrevistas analisei as recorrências discursivas sobre determinados temas. A materialidade da pesquisa foi às narrativas surdas das quais a seguir

discutirei na perspectiva dos Estudos Culturais os possíveis desdobramentos de sentidos e significados.

Sendo assim, o próximo capítulo aborda determinados temas com “recortes” das narrativas analisadas, não nomeei os sujeitos, pois busquei nas entrevistas “recortes” que vinham ao encontro do determinado tema ao qual o subcapítulo aborda. Os “recortes” estão com grifos, mas são grifos meus. As entrevistas transcritas na íntegra estão disponíveis em anexo ao final deste trabalho, organizadas de acordo com o roteiro. (anexo C).

3. NARRATIVAS: ANÁLISES DA MATERIALIDADE

3.1. Língua de Sinais: imperativo na aquisição da Língua Portuguesa.

Ao longo dos anos aconteceram avanços dos estudos acerca da Língua de Sinais, gradativamente comprovou-se a importância e a necessidade do uso dessa língua para o processo de desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo. Estes estudos foram essenciais para que, no ano de 2002, a Língua Brasileira de Sinais fosse reconhecida no Brasil através da Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626/05 como um sistema linguístico legítimo e natural utilizado pela comunidade surda brasileira. Sendo assim:

O surdo pode e desenvolve suas habilidades cognitivas e linguísticas (se não tiver outro impedimento) ao lhe ser assegurado o uso da língua de sinais em todos os âmbitos sociais em que transita. Não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua. (GESSER, 2009, p. 76).

Desta forma foi percebida a importância da língua natural para o sujeito surdo, tanto em seu processo de aprendizado quanto na sua comunicação. Então surge o Bilinguismo na década de 90 do século XX, que segundo Goldfeld (2002, p. 42) “tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a Língua de Sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país”. A partir disso, o bilinguismo começou a ser avaliado como a abordagem mais apropriada na educação de surdos. Percebe-se essa questão nas seguintes falas dos sujeitos da pesquisa:

*Foi aos **quatro anos** quando entrei na escola. Tinha **alfabetização** na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais, portanto **foi ao mesmo tempo**.*

*Na verdade, **no começo do ensino da Língua Portuguesa o melhor é ensinar a Língua de Sinais**, pois ele nasce e os pais são ouvintes, não tem como aprender a Língua de Sinais e acaba aprendendo depois na escola. [...].*

Aprendi a Língua de Sinais com dezesseis anos [...]. O contato com a Língua Portuguesa também foi com dezesseis anos.

[...] aprendi através da Língua de Sinais, primeiro o sinal depois pegava um livro e anotava as palavras [...].

Assim, ressalto a importância dos surdos terem acesso a Língua de Sinais como sua primeira língua e a Língua Portuguesa escrita como sua segunda língua, mas não determino como total verdade, pois tive a oportunidade de participar da comissão organizadora do evento *“Flashes dos espaços e tempos da educação de surdos: diálogos e experiências”*¹. E nesse evento, a maioria dos palestrantes relatou serem oriundos da inclusão e tiveram como primeira língua a Língua Portuguesa e após a Língua de Sinais.

Escrevendo este subcapítulo rapidamente me recorro de umas das primeiras indagações em que fiz referente à Língua Portuguesa: Será que ter a Língua de Sinais como primeira língua facilitará o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita (L2)?

Não chego a uma resposta pronta, mas abordo através das entrevistas o contato com as duas línguas ao mesmo tempo e abordo também através do evento, surdos que tiveram a Língua Portuguesa durante a escolaridade e foram ter contato com a Língua de Sinais na fase adulta, por exemplo. E hoje são professores universitários, sendo assim, acredito na importância do sujeito surdo ter acesso à Língua de Sinais, mas como citei acima, não determino como total verdade que o aluno surdo desenvolverá a Língua Portuguesa de maneira mais fácil se tiver a Língua de Sinais como primeira língua e tive provas disso através das narrativas feitas pelos palestrantes.

Mas ao mesmo tempo fico pensando sobre o estágio que realizei na escola de surdos e citei na apresentação deste trabalho. Tive a oportunidade de trabalhar com três alunos em diferentes processos de aquisição linguística e pude observar neste caso que o aluno que já havia adquirido a Língua de Sinais como sua primeira língua desenvolvia e compreendia com facilidade a Língua Portuguesa.

Sendo assim, novamente cito a questão das verdades em suspenso, ou seja, é uma verdade que o aluno surdo que já adquiriu a Língua de Sinais como sua primeira língua terá satisfação no aprendizado da sua segunda língua, Língua

¹ Realizado pelo Departamento de Educação Especial no dia 17 de outubro de 2014 com coordenação dos professores de LIBRAS da UFSM Prof^a. Ms. Anie Pereira G. Gomes e Prof^a. Ms. Renata O. Heinzemann Bosse. Número do Projeto: 038185.

Portuguesa? A seguir, vemos na discussão abaixo a própria “inquietação” do sujeito sobre o “lugar” onde o aluno deve aprender.

*Não é que eu pense que foi a inclusão que me deu força para eu conseguir estar aqui, não é isso. Por exemplo, o “G” **participou da inclusão e está bem, me questiono sobre isso.** Estamos acostumados com a inclusão e quando se chega ao ensino superior pensamos que é a mesma coisa e na escola “X” ficamos só na Língua de Sinais e se chega aqui e depara-se com o português e pensa em desistir, portanto é preciso continuar se esforçando e permanecer no ensino superior, mas depende da escolha de cada um.*

Portanto, saliento a importância da aquisição da Língua de Sinais e também da Língua Portuguesa, pois estas desempenham papel fundamental no desenvolvimento do sujeito surdo.

3.2. A Língua de Sinais como processo na produção de identidade: status linguístico da comunidade surda.

Percebe-se a identificação dos surdos com a Língua de Sinais como sua primeira língua e a partir da identificação acabam achando que apenas a Língua de Sinais é suficiente para o seu desenvolvimento. Porém, ao adentrar no mundo acadêmico, ou seja, o sonhado ensino superior, a exigência em relação à Língua Portuguesa demonstra que não é apenas só com a Língua de Sinais que o aluno surdo vai obter sucesso na sua vida acadêmica. As seguintes falas demonstram uma “fascinação” com a Língua de Sinais:

*Primeiro a questão da identificação. **Conheci outros surdos com Língua de Sinais pura e me identifiquei e assim foi natural.** Somos surdos, somos iguais e esse processo de identificação acontece muito rápido. [...].*

*[...] Outra vez **avistei um grupo de surdos sinalizando, fiquei curioso e angustiado, pois eu queria aprender.** Com cinco anos recebi a visita de dois adultos surdos em minha casa. **Fiquei observando os dois sinalizando com as mãos.** Meus pais os convidaram para ajudar, eles desenhavam, como por exemplo, papagaio, faziam os sinais, etc. [...].*

A existência de uma comunidade surda auxiliará no processo de identificação e posteriormente à construção de uma identidade surda. Para Perlin (1998) o sujeito surdo construirá uma identidade surda através da Língua de Sinais. E isso

acontecerá através dos encontros nas comunidades, escolas, eventos de surdos onde ocorrerá o contato surdo-surdo, ou seja, a identificação com seus pares. Assim, muitos estudiosos da área indicam que a identidade surda está associada à língua, porém percebem-se estudos abordando que não existe uma identidade exclusiva e sim diferentes identidades surdas ligadas a questões sociais e individuais (Perlin, 1998). Assim, estes estudos buscam problematizar a questão da identidade fixa, engessada e veem como um processo contínuo. Observa-se que o surdo não é só surdo, que há outras coisas que o identificam e é essa discussão que os pesquisadores problematizam.

A identidade é construída sempre em relação a um determinado grupo ao qual se pertence, diferenciando-se de um outro, com o qual se estabelece uma relação de caráter negativo, ou seja, por oposição a ele. Com isso, a construção da identidade baseia-se num processo de “associação” a um determinado grupo, e de “dissociação” com relação a outros grupos. (SANTANA e BERGAMO, 2005, p. 571).

Acredito que a Língua de Sinais é a forma principal pelo qual os surdos se identificam primeiramente e passa a se sentir parte de uma comunidade, cultura surda. Diante disso, a identidade poderá estar relacionada ao grupo ao qual se pertence.

*[...] Quando fui para a escola “X” com dezesseis anos comecei a questionar-me o porquê que eu não sabia português. **Foi quando começaram a explicar-me que era devido eu ser surdo**, mas que eu aprenderia, porém teria que ter muito esforço. [...].*

*[...] Sinto-me capacitado para as duas línguas, **mas realmente sinto-me mais seguro na Língua de Sinais devido a questões de identidade e familiaridade com a Língua de Sinais.***

*[...] Quando ingressei na oitava série na escola “X” em 2002, tinha dezesseis anos e comecei a aprender a Língua de Sinais e a ter contato com o português. **Conheci o “J” primeiro, que sabe muito de português e percebi que os professores ouvintes também sabiam português. Logo, percebi que a “S” também sabia português.** Diante disso, comecei a despertar a minha curiosidade, mas alguns surdos são diferentes, isso não é padronizado. [...].*

Nas narrativas acima são diferentes tipos de discursos sobre o processo de identificação. Creio que, devido à identificação com seus pares e posteriormente a construção de uma identidade surda, acaba havendo uma resistência em relação à

Língua Portuguesa, pois os surdos têm a sua língua própria e devido à identificação com seus pares, a língua dos surdos é a Língua de Sinais e a língua dos ouvintes é a Língua Portuguesa. Mas nas narrativas acima se percebe que houve a identificação com surdos que dominam a Língua Portuguesa e houve o interesse em aprender também.

Portanto, compreendo a cultura surda e a constituição da identidade como sendo aspectos fundamentais na formação do sujeito surdo. Conforme Strobel (2008, p. 24) define:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem pra a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Deste modo a cultura surda está atrelada à identidade do surdo e a molda conforme a receptividade do sujeito. Complementando, Perlin (2004 p. 73) diz que “as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, eles moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito”. Sendo assim, o próximo tema entrará nas questões específicas da incompletude linguística.

3.3. Determinismo em relação à Língua Portuguesa: relatos da incompletude linguística.

Durante as entrevistas e após analisando percebo nas narrativas dos entrevistados a recorrência em relação à aquisição da Língua Portuguesa não ser perfeita. Achei interessante abordar esta questão, pois foi recorrente principalmente nas falas de dois entrevistados, ou seja, em algum momento durante os relatos em relação à Língua Portuguesa aparecem narrando-se como sendo incompletos na aquisição da Língua Portuguesa conforme podemos perceber nas falas abaixo:

*[...] Tive muita curiosidade com o português e fui desenvolvendo, **porém não tenho a perfeição no português**, mas aprendi as palavras, consigo ler e desenvolvo a escrita mais ou menos. Ainda estou treinando, mas é muito difícil e isso é próprio do surdo. [...].*

[...] Sou curioso, mas não são todos, depende, tem muitos surdos que não tem curiosidade sobre a Língua Portuguesa, então depende muito do surdo, do interesse de cada surdo, não podemos generalizar. **Português perfeito não existe**, mas é necessário estudar sempre, pois é um processo contínuo.

[...] Hoje tenho bom contato com a Língua Portuguesa em relação a leituras (diálogos através de leituras), como por exemplo, gibis, **mas os textos da faculdade são difíceis**, são complicados de entender, a troca com os ouvintes é complicada, **preciso pedir para intérprete sinalizar e é através da Língua de Sinais que compreendo. Os textos acadêmicos são diferentes.**

As avaliações são traduzidas para Língua de Sinais. Tem o enunciado em português, solicito a tradução e **escrevo de forma complicada** e após tem a tradução. Preciso do intérprete para traduzir, porque o **professor não entende a minha escrita**, explico que é a minha língua própria. Sempre pergunto ao professor se após poderá haver a tradução do que eu escrevi e assim o professor tem clareza. Para acontecer à troca entre professores e intérprete marcamos um dia e um local, mas depende, **se a escrita está de forma clara e os professores entendem, não será necessária a tradução, agora se eu escrever e não ficar claro os professores solicitam a ajuda do intérprete.** [...].

[...] Eu já havia tido experiência com o português, sei que é difícil, **sei que não tenho o português de forma correta**, nunca vamos estar prontos e sei que não vou conseguir desenvolver totalmente o português, é a minha segunda língua.

Percebo nas falas dos entrevistados que essa recorrência discursiva vem sendo debatida entre os surdos, sendo assim, acabam produzindo discursos que geram verdades sobre essa aquisição. E assim, o que vem sendo produzido em relação ao aprendizado, escolaridade, desenvolvimento da Língua portuguesa é que os surdos vêm encontrando dificuldades em relação às leituras e compreensão da segunda língua, conforme os trechos das narrativas citadas acima.

Conforme Hall (1997), a linguagem é o meio privilegiado através do qual “damos sentido” às coisas, onde o significado é produzido e trocado. Sendo assim, é através da linguagem que podemos construir conhecimentos. É nas trocas entre pessoas, nas diferentes situações, que vamos construindo novos conceitos e abordando novas formas de ver, atuar e compreender o mundo.

Para que os surdos tenham acesso e efetivação na aprendizagem e desenvolvimento à língua/linguagem necessitarão de profissionais fluentes na sua língua de acesso, Língua de Sinais.

Mas em uma das entrevistas feitas com o aluno oriundo da inclusão e com diferentes estímulos: familiares, escolares e interesse próprio, destaco alguns trechos da entrevista que vão em contrapartida do que expus acima:

*Na verdade, não me senti limitado em nada, pois meu processo de leitura é tranquilo, escrevo muito bem também, **claro que tem alguns detalhes da Língua Portuguesa que consigo me adaptar.** [...].*

Sempre leio jornais, textos, resenha, escritas, trabalhos, artigos, então, sempre leio sem problemas.

*Tranquilo. **As provas eu escrevo em Língua Portuguesa, nunca utilizei a Língua de Sinais para provas, pois todo o meu ensino fundamental e médio foi com isso.** Tive uma boa aquisição em relação à Língua Portuguesa, pois eu sempre escrevi e no ensino superior continuei com esse processo de forma autônoma.*

Portanto, vejo através das experiências narradas pelos entrevistados os diferentes processos que passaram para hoje estarem no ensino superior e se narrarem e se verem como sujeitos que não terão o português “perfeito”. E também pude analisar o processo educacional de um dos alunos entrevistados que em sua fala salienta o seu desenvolvimento nas leituras, escritas, avaliações de forma autônoma e inclusive ele mesmo fala que não teve problemas em relação a isso. Por que este aluno tem uma percepção diferente? Sendo assim, o TCC optou por fazer este resgate histórico na escolaridade dos entrevistados, pois se propôs a analisar essas marcas e o papel de quem ensina e como se ensina que será problematizado no próximo subcapítulo.

3.4. Didática no ensino da Língua Portuguesa como segunda língua: quem ensina e como se ensina?

Com o surgimento do Bilinguismo na década de 90 do século XX a educação bilíngüe surge então com a investida de buscar trabalhar com as potencialidades dos surdos aliada a Língua de Sinais.

O aprendizado do aluno surdo chegara até ele através do visual-gestual, experiência visual, ou seja, a compreensão e o desenvolvimento do que lhe é ensinado é através da Língua de Sinais. Para Lacerda, Santos e Caetano (2011, p.104) “para favorecer a aprendizagem do aluno surdo não basta apenas apresentar

os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando de toda a potencialidade visual que essa língua tem”.

A partir de processos visuais, o sujeito surdo estrutura sua comunicação através de experiências visuais. A visualidade dessa forma representa para o sujeito surdo o principal canal de processamento de esquemas mentais, pois estimula naturalmente a aquisição e a construção de conhecimentos proporcionando uma aprendizagem significativa por meio da experiência visual.

O exposto acima é o que deveria acontecer, mas percebo através das narrativas o quanto o processo educacional dos alunos entrevistados foi fragilizado em relação ao aprendizado das duas línguas.

Gesueli (1988) e Cruz (1992) realizaram um trabalho em uma instituição para crianças surdas localizada em São Paulo e constataram que as crianças surdas participantes passavam pelos mesmos processos e níveis abordados por Ferreira e Teberosky (1988). Mas, destacam que as crianças surdas que não utilizam a linguagem oral acabam apresentando dificuldades em relacionar a escrita ao som, e passam a fazer uso do recurso visual, atrelado à memorização das palavras. Sobre a fala oral e a relação com a aquisição da Língua Portuguesa pode-se ver na fala abaixo:

Foi difícil, foi decorado, foi memorizado, ou seja, várias palavras com seu respectivo sinal. Primeiramente o sinal, aprendi através da Língua de Sinais, primeiro o sinal depois pegava um livro e anotava as palavras, ou uma revista, olhava as palavras, fazia os sinais, perguntava qual era o sinal para a determinada palavra, qual era o significado e memorizava. Quando esquecia perguntava de novo e esse era um processo incessante.

Primeiro na escola inclusiva eu não tinha muita informação. Observava os ouvintes anotando bastante, observava e pensava que eu era esperto, que conseguiria compreender o português, mas não, eu não conseguia. [...]

Acho que foi na escola “X”, foi muito pouco. Aprendi mais na graduação, principalmente na disciplina de Comunicação da Língua Portuguesa. Não foi fácil, foi difícil, foi um desafio. Realmente eu sinto que foi devido à falta de estímulos, pois fui eu que busquei aprender e me esforcei para isso.

Ainda em outra fala é interessante ressaltar a abordagem feita sobre a formação dos professores que estão trabalhando na perspectiva Bilíngue.

Acho que nunca conseguia muito bem, pois os professores não tem formação específica profissional para trabalhar com esta questão. Os professores que me ensinaram foram educadores especiais. Não concordo que uma professora educadora especial estivesse ensinando a Língua Portuguesa, pois queria professores formados em letras que pudessem ensinar de maneira adequada. [...]

[...] Conversando com amigos no Facebook na época ainda Orkut combinávamos alguns encontros e os surdos escreviam bem o português e comecei a ficar confusa. Perguntava para eles onde eles haviam aprendido e rapidamente respondiam ter aprendido na inclusão e eu sou da escola "X", comecei a ficar angustiada com isso. Por que eu sou diferente? Somos da mesma idade e eles escrevem bem e eu não? Então, achei estranho isso, percebi que todos que trabalhavam na escola "X" a formação era em educação especial, não tem formação em letras, história, geografia, são raros os professores de áreas específicas. Em relação ao português os fatores positivos são relacionados à UFSM e os negativos foram relacionados com a escola.

Assim, durante uma das entrevistas feitas me deparei com as abordagens expostas acima em relação à formação de profissionais da área da Educação Especial. Fiquei surpresa com a narrativa, mas ao mesmo tempo retomo um dos meus questionamentos em relação à atuação do educador especial no ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos: Nós, enquanto estagiários estamos preparados para dar conta de articular as duas línguas durante o estágio de surdez? E posterior ao estágio, após a formação?

Em relação ao profissional pedagogo destaco os diferentes atributos que este profissional terá que dominar para alfabetizar e ensinar o aluno surdo, como por exemplo, metodologia, didática, língua, para assim vir a alfabetizar e ensinar na sua segunda língua. Mas, quando a criança surda chega à escola, por mais que os profissionais da educação especial, pedagogia, letras, dominarem a Língua de Sinais e as metodologias, o aluno surdo em idade escolar não tem a Língua de Sinais muitas vezes. Então, se as pessoas que ensinam são pedagogos, educadores especiais, professores de áreas específicas, o ensino acabará passando também pelo profissional tradutor/intérprete, este que será abordado no próximo subcapítulo.

A escola inclusiva ou a escola de surdos, os profissionais envolvidos no aprendizado dos sujeitos surdos e envolvidos na educação bilíngue devem estar preparados para ensinar a segunda língua, pois ao aprendê-la estará dando oportunidades de novas experiências culturais e sociais aos sujeitos aprendentes.

3.5. Tradutor/Intérprete: profissional envolvido nas duas línguas.

Existem várias diretrizes e leis que orientam as políticas públicas em relação à educação de surdos, por exemplo, a Lei nº 10.098/94 que aborda o capítulo VII sobre a acessibilidade à Língua de Sinais, a Lei nº 10.436/02 que oficializa a Língua Brasileira de Sinais. E o Decreto nº 5.626/05 que regulamentou as duas leis citadas acima.

Neste Decreto nº 5.626/05 no Capítulo V Artigo 17 aborda e descreve o perfil do tradutor/intérprete, mas apenas a Lei nº 12.319/10 aborda e regulamenta a profissão de Tradutor/Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Durante alguns anos a questão e a necessidade de se ter o tradutor/intérprete nas diferentes modalidades de ensino é algo que vem evoluindo e sendo bastante discutido.

Nas narrativas analisadas vejo algumas questões a serem pensadas a partir da lei que regulamenta a profissão do tradutor/intérprete, como por exemplo, a formação do tradutor/intérprete, papel e funções deste profissional, postura e profissionalismo adequado em relação à reestruturação da Língua Portuguesa do aluno surdo em trabalhos, provas, resenhas. Abaixo segue alguns trechos da fala de um dos entrevistados narrando sua experiência com os tradutores/intérpretes:

Teve um intérprete em específico que eu escrevi, na verdade antes eu escrevia o português da minha forma em uma estrutura diferente, mas pedia para o intérprete refazer a escrita. O professor pedia a escrita, por exemplo, história da vida, opiniões sobre o conteúdo, algo assim, e eu escrevi e entreguei ao intérprete. O intérprete me perguntou: o que é isso? Eu respondi: você combinou comigo assim, você arrumaria o português. E o intérprete falou que não, que não aceitava este tipo de coisa. [...].

A aluna se sente insegura quanto às avaliações na Língua Portuguesa pela “falta” de competência do intérprete ou ainda considera uma falta de profissionalismo, segundo ela. Sendo assim, como não citar esse profissional sendo que essa narrativa é de uma aluna do ensino superior adulta. E na educação básica, com as crianças, como elas vão entender a função deste profissional, entender que ele não é o professor?

*No outro semestre troquei de intérprete e o intérprete aceitava ter essa abordagem. Conversei com os professores para haver a correção e os professores liberavam. **Quando os professores não entendiam a minha***

*escrita o intérprete estava autorizado a refazer. Este processo acontecia de forma tranquila, pois eu realizava os trabalhos, enviava para o intérprete, ele arruma a estrutura do português e logo enviávamos ao professor. No quarto semestre tive um projeto de TCC e voltou àquele primeiro intérprete que citei, **mas também entra outra questão, a formação deste intérprete.** Este intérprete não tinha ensino superior, tinha **formação em ensino médio**, e pensei será que ele é capaz de ajudar neste projeto. Ele começou a dizer que o professor falava termos difíceis e eu novamente fiquei angustiada, pois eu estava tendo prejuízos. Tinha o receio que o professor não entendesse o que eu escrevia ou até mesmo que eu não estava compreendendo a sua aula.*

*[...] **Solicitei intérprete com formação superior, pois intérpretes com apenas ensino médio eu não gostaria, devido às disciplinas difíceis.** Foi ofertado um intérprete com mestrado. Este intérprete escutava as informações e me passava todo o conteúdo, inclusive escrevia bem, dava exemplos, trocávamos e-mails e realmente aprendi. Foi um processo diferente, eu realmente aprendi e queria evitar prejuízos futuros.*

A presença deste profissional na educação básica e superior é de extrema importância para a educação dos alunos surdos. Pois é por meio deste profissional com domínio e competência na Língua de Sinais que o aluno receberá os conteúdos, informações e muito mais. Poderá ter diálogos com os seus colegas, professores e de mais pessoas. Infelizmente no Brasil existem poucos estudos que abordam a importância deste profissional no âmbito acadêmico.

O tradutor/intérprete de Libras é o profissional que interpreta e traduz a mensagem de uma língua para outra de forma precisa, permitindo a comunicação entre duas culturas distintas. Ele possui, assim, a função de intermediar a interação comunicativa entre o surdo e a pessoa que não usa a Libras. (MARCON, 2012, p. 238).

O tradutor/intérprete não é o profissional que ensina, ele simplesmente traduz e interpreta. Assim, ele é um profissional envolvido nas duas línguas. Sendo assim, a inserção do mesmo no espaço acadêmico não abolirá outras necessidades dos alunos surdos, como por exemplo, questões metodológicas e didáticas de ensino.

Portanto, por mais que o intérprete não tenha papel de ensinar, a competência linguística deste profissional vai ter papel fundamental no ensino e aprendizagem dos alunos surdos.

3.6. Família e currículo escolar: o papel no processo de aprendizagem.

Neste subcapítulo abordarei primeiramente as questões familiares narradas por um dos entrevistados. Analisando e revendo as falas, percebo o quanto a mãe deste aluno foi importante no seu processo educacional. O investimento familiar que ocorreu no processo de alfabetização deste sujeito foi essencial para o seu desenvolvimento. Conforme ele narra nos trechos abaixo, a alfabetização começou em casa, a mãe colocava nome nos objetos, a casa dele parecia uma escola. Percebe-se então, a preocupação desta mãe ouvinte com o seu filho surdo, ou seja, a preocupação fazia com que ela investisse cada vez mais e não desistisse, pois o investimento feito geraria resultados positivos no processo de ensino aprendizagem.

*[...] A minha **alfabetização do português começou em casa**, tinha fonoaudióloga, tinha estímulos e a escola também me deu apoio.*

*Na verdade, queria aprender mais, ampliar meus conhecimentos e é uma área de interesse o jornalismo. Queria aprofundar meus conhecimentos, **pois sempre tive muita informação desde criança**.*

*Bom, essa é uma boa pergunta, pois eu comecei com quatro anos como falei, mas também frequentava a fonoaudióloga. A fonoaudióloga deu dicas para a minha mãe **colocar o nome escrito em todos os objetos da casa. E na rua também a mãe ficava estimulando o visual, no supermercado também**. Então foi um processo de **estímulos familiares**, pois todos os ambientes que frequentávamos a minha mãe ficava falando o nome das coisas, **etiquetava os objetos, moveis em casa. Por exemplo, a questão do vento, eu perguntava: O que é isso (a palavra vento)? Minha mãe pensava como iria explicar o vento. Eu olhava a palavra vento e questionava. A minha mãe assoprava e eu pensava que vento era assoprar. Minha mãe dizia: Não, não é assoprar. Então, ela me levava para fora, para eu ver as árvores balançando e dizia: Isso é o vento. Enfim, a questão do conceito da palavra escrita para eu entender o que significava, minha mãe teve um papel importante nesse aprendizado**.*

No trecho acima temos a fala do entrevistado narrando a sua mãe lhe ensinando um determinado conceito, o vento. Abordando então a palavra, signo e significante para ele entender e fazer uso deste conceito. Percebe-se então que o papel desta mãe foi além do que estamos acostumados a ver nos relatos das experiências de alunos surdos. Mas de quem é esse papel? Quem deveria fornecer estímulos necessários para a formação de conceitos, palavras e respectivos sinais correspondentes?

Não é especialmente devido à escola, **mas devido ao meu interesse em ler bastante**. Desde os meus três anos eu lia histórias em quadrinhos e tinha interesse e também minha mãe me dava muito material. **Eu pedia para ler, desde criança gostava muito, pedia livros de histórias, minha mãe me dava, explica, escrevia no quadro que tínhamos em casa, minha casa parecia uma escola. Todos os dias tinha o contato com a Língua Portuguesa, minha mãe me estimulava muito. Então, eu não dou esta questão apenas à escola, mas a minha mãe pela sua dedicação, estímulos e motivação em ensinar-me estas coisas em casa.** As frases, a questão da estrutura das frases era na fonoaudióloga. Escola também, mas era muito fraco, o professor não era extremamente em Língua de Sinais, não era fluente em Língua de Sinais. [...].

Lembro sim, quando estava perto do último ano, perto da inclusão, teve um **professor que todos os dias ele escrevia muito, me desafiava**. Pedia que eu escrevesse e me dava muitos textos, **o estímulo dele era diário**. Ele queria me motivar, pois ele dava-me palavras, desenhos, perguntava-me os nomes, era obrigado a levar o dicionário, **o professor procurava materiais diversificados de forma escrita, fazia uma avaliação de forma diferenciada também**. Sempre me perguntava se eu havia entendido a forma escrita e o respectivo conceito. Ele foi muito chato, mas um ótimo professor, pois foi um marco em relação à língua portuguesa.

Este relato é um fator positivo que destaco em relação à Língua Portuguesa, pois o professor me motivava e buscava coisas novas. Em nenhum momento notei desmotivação neste professor.

Alguns colegas não tinham em casa a questão da leitura, os familiares não o motivavam e no meu caso eu tive isso. E com o professor me estimulando, melhor ainda. **Então, também acho que o interesse pessoal em relação ao que o professor esta oferecendo é importante**, portanto o esforço pessoal também é positivo, pois agrega à motivação, o aluno já tem esse interesse. [...].

Outro trecho que abordo e acredito ser de extrema importância é quando o aluno narra à experiência vivida com o professor motivando-o, desafiando-o, elaborando avaliação diferenciada e se preocupando em saber se o aluno estava entendendo o conteúdo e principalmente atentando para as questões linguísticas.

[...] É importante o português, principalmente em casa, não tem a desculpa de ser surdo, temos a Língua de Sinais para ser aliada à Língua Portuguesa. [...].

[...] Eu acho importante nos sermos sujeitos bilíngues, pois muitos surdos não compreendem a questão do conteúdo bilíngue, não conhecem a realidade do bilinguismo. Discutimos muito isso, alguns concordam outros não. É um assunto polêmico ao qual estamos vivendo hoje e é um momento importante para o bilinguismo. Importante continuarmos com isso, pois entendo a Língua de Sinais aliada à Língua Portuguesa.

Precisamos aprender para não dependermos de outras pessoas, os sujeitos precisam ter liberdade e serem autônomos, tem que frequentar os lugares que preferir. E para isso ele pode usar a modalidade escrita, ou seja, usar isso para ter acesso. [...].

*[...] Mas tem a questão da cultura, comportamento, estratégias de cada um utilizar, e isso é particular. Também **os pais terem influência positiva é importante, as estratégias utilizadas em casa também são importantes.***

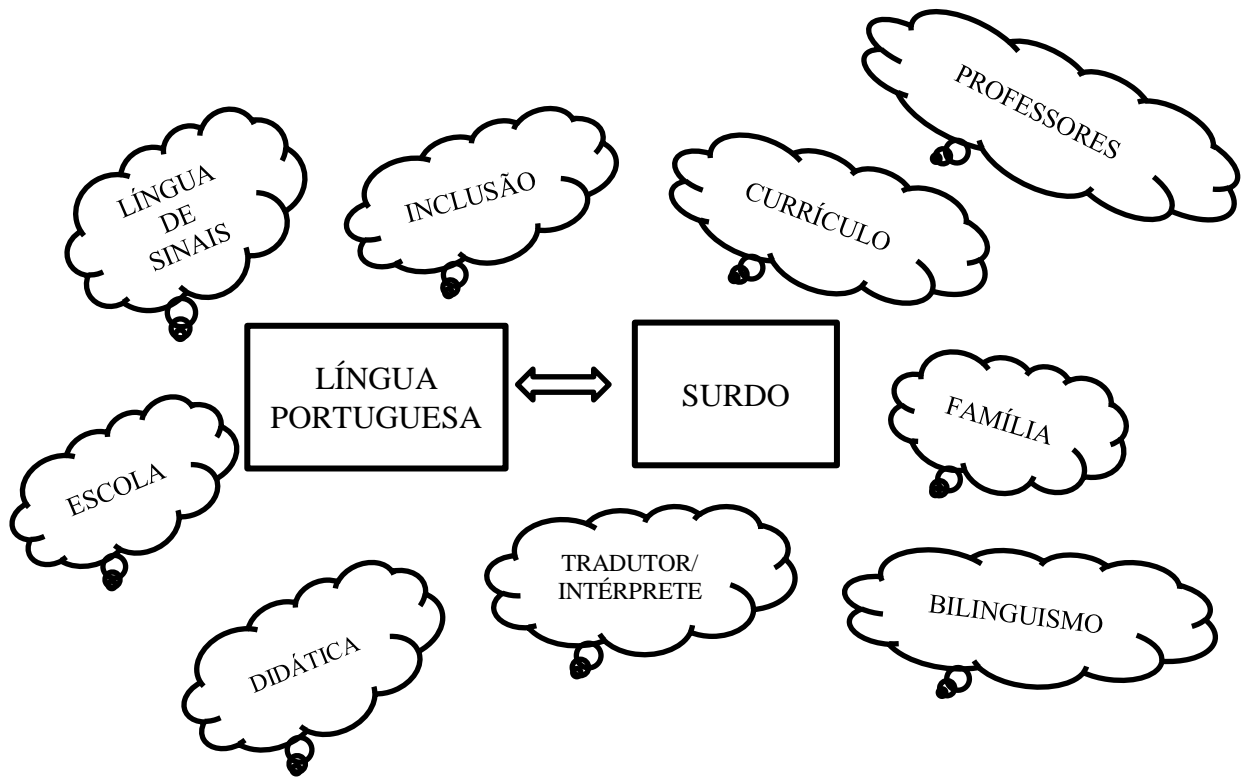
Quando se fala em estratégias utilizadas em casa pelos familiares para ajudar na aquisição linguística, alfabetização, desenvolvimento, logo me remete a pensar de que cerca de 95% das crianças surdas têm seus pais ouvintes (Gesser, 2009). Então, como estes pais poderão ajudar seus filhos? Nos trechos abordados tivemos exemplos de investimento familiar, mas sabe-se que na maioria dos casos não é assim que acontece.

Outro dado importante é que os sujeitos surdos aprendem Língua de Sinais muitas vezes quando ingressam nas escolas, mas também se sabe que o correto seria os alunos estarem em contato com seus pares desde muito cedo. Sendo assim, pode-se pensar em políticas públicas que poderiam, no caso de alunos surdos, inserirem o professor itinerante desde o nascimento em suas residências para a aquisição da língua, tanto para a criança surda como também para a família.

Entreí na escola com quatro anos em uma sala especial para surdos, para alfabetização durante quatro anos, e assim me preparou para a inclusão. [...].

No trecho destacado acima se entende que houve uma preparação em sala especial para após haver a inserção do aluno na inclusão. Esta escola trabalha com a preparação do aluno surdo para após haver inclusão de fato. Ou seja, é um diferencial que a escola oferece para os alunos surdos. Quando falo em diferencial logo me remeto para questões curriculares diferenciadas, ou seja, será que o aluno surdo não deveria ter o currículo escolar diferenciado do aluno ouvinte? Em relação à proposta bilíngue no ensino fundamental: Por que devem seguir o que já está pronto, no que se refere a conteúdos, metodologias, didáticas, não se pode ter o diferencial? Ou seja, pensar em metodologias que dê conta dos aspectos linguísticos e culturais do sujeito surdo. De tal modo, encaminho o texto para a conclusão.

4. CONCLUSÃO? PARA NÃO CONCLUIR...



Essa imagem retrata que a Língua Portuguesa não deve ser vista de forma isolada na aprendizagem, mas passa por diferentes fatores.

Realizar este trabalho foi de extremo aprendizado para a minha formação e para o papel ao qual exerci como pesquisadora. Conheci e analisei os significados da Língua Portuguesa como marcas ao longo da trajetória escolar dos sujeitos da pesquisa. Tive a oportunidade de vê-los narrando suas histórias sobre a aquisição da Língua Portuguesa no processo educacional e os desdobramentos no ensino superior.

O tema Língua Portuguesa para surdos abordado neste trabalho é assunto de congressos, disciplinas, dissertações, teses, e assim se vem falando muito, pois estamos vivendo momentos importantes na educação de surdos. Como podemos notar nas entrevistas feitas com os três alunos surdos do ensino superior, eles narram as suas experiências, as suas aflições, as preocupações existentes em

relação ao ensino da Língua Portuguesa. Vejamos então, que os próprios surdos estão discutindo, e buscando subsídios para terem acesso a Língua Portuguesa.

Através das análises podemos notar que existem diferentes fatores envolvidos no ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa para alunos surdos. Como, por exemplo, professores envolvidos nas questões bilíngues, família dando apoio e estando diretamente envolvida, escola preparada para dar conta do ensino destes alunos que muitas vezes chegam à escola sem uma língua estruturada e definida. Enfim, existem fatores aos quais foram abordados e problematizados nos subcapítulos deste trabalho através das recorrências discursivas analisadas nas entrevistas.

Conforme expliquei na apresentação deste estudo, cheguei ao tema de pesquisa depois de diversos questionamentos surgidos durante o estágio de surdez e posterior a ele. E assim, através deste trabalho tive a oportunidade de ser pesquisadora e ter diferentes momentos de aprendizagens e reflexões. E é claro que não respondi todas as indagações, mas ao final, vejo que alguns dos meus próprios questionamentos não existem respostas concretas e sim, existem diferentes contextos familiares, escolares, sociais aos quais os sujeitos surdos estão inseridos e são determinantes no seu desenvolvimento em relação à Língua Portuguesa.

O TCC intitulado *Práticas da Educação Bilíngue na Educação Básica e Ensino Superior: Narrativas dos Surdos em relação à Língua Portuguesa* se configurou em um espaço educativo que me permitiu ter outros questionamentos aos quais pretendo seguir pesquisando e problematizando sobre o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos. Pois é um assunto que não se esgota aqui, as mudanças na educação de surdos acontecem gradativamente, as políticas públicas se atualizam, e isso gera novas pesquisas. Os alunos surdos acabam tendo outras “visões”, outras perspectivas em relação ao ensino da Língua Portuguesa e isso também gera mudanças. Portanto este é um tema ao qual me instiga e pretendo seguir problematizando as questões abordadas neste trabalho, as que surgiram e as que virão a surgir visando contribuir no campo da educação de surdos.

REFERÊNCIAS

CRUZ, M. C. **Alfabetizando crianças surdas**: análise da proposta de uma escola especial. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1992

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e a realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESUELI, Z. M. **A criança não ouvinte e a aquisição da escrita**. Dissertação (Mestrado em Linguística.) - Universidade de Campinas. Campinas, 1988.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GOMES, Anie Pereira Goulart. **O imperativo da cultura surda no plano conceitual**: emergência, preservação e estratégias nos enunciados discursivos. Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, jul/dez., 1997, p.15-46.

LACERDA, Cristina B. F.; SANTOS, Lara F. dos; CAETANO, Juliana F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS**: uma introdução. São Carlos, 2001.

LOPES, Maura Corcini. Condução das condutas dos escolares surdos. In: **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Organizado por Karnopp, L. B.; Klein, M.; Lunardi-Lazzarin, M. L. - Canoas: Ed. ULBRA, 2011, p. 252 – 262.

MARCON, Andréia Mendiola. **O papel do tradutor/intérprete de Libras na compreensão de conceitos pelo surdo**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gládis Teresinha. O Lugar da Cultura Surda. In: THOMA, A. S. e LOPES, M. C. **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M., SCHMIEDT, M.L.P. **Ideias para ensinar Português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SANTANA, Ana paula. & BERGAMO, Alexandre. **CULTURA E IDENTIDADE SURDAS: ENCRUZILHADA DE LUTAS SOCIAIS E TEÓRICAS**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 02/11/2014.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. PEDAGOGIA SURDA E ENSINO DA LINGUA PORTUGUESA PARA SURDOS. (p. 265-274). In: PERLIN, G.; STUMPF, M. (orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre às diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 7-32.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

ANEXOS

Anexo A – Roteiro da entrevista semiestruturada

ROTEIRO

Que tipo de escola você frequentou no ensino fundamental e médio?

O que motivou você a entrar no ensino superior?

Como foi seu processo na aquisição da Língua de Sinais?

Como foi seu processo na aquisição da Língua Portuguesa?

Qual língua você considera sua língua materna?

Você sente conforto linguístico em qual língua?

A que você atribui a sua relação hoje com a Língua Portuguesa proveniente com a sua escolaridade?

Ao ingressar na UFSM como foi seu processo inicial em relação à Língua Portuguesa?

Como acontece o processo de leitura? Recebimentos de textos, artigos, livros, os estudos e o seu retorno escrito?

Como você se sente sendo avaliado na Língua portuguesa?

Anexo B – Termo de consentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
TRABALHO FINAL DE CURSO

Acadêmica: Daiane Bairros Seeger

Orientadora: Anie P. G. Gomes

TERMO DE CONSENTIMENTO²:

Eu, Daiane Bairros Seeger, brasileira, acadêmica do curso de Educação Especial da UFSM/RS, venho por intermédio deste, informar-lhe sobre o Trabalho de Conclusão de Curso: **PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR: NARRATIVAS DOS SURDOS EM RELAÇÃO À LÍNGUA PORTUGUESA.**

Com esta pesquisa pretendemos entender os sentidos e significados da aquisição da Língua Portuguesa como marcas da trajetória escolar.

Para que esta pesquisa se concretize, necessitamos de sua participação e cooperação. No entanto, ressaltamos que a sua participação é livre.

Caso você deseje participar, científico que esta pesquisa consta um roteiro guia de entrevista semiestruturada, que será aplicada e posteriormente analisada.

É importante salientarmos, quanto ao sigilo e privacidade no que se refere à identidade dos sujeitos interessados na participação deste estudo, bem como da relevância do mesmo, visto que o tema permeia as representações sociais sobre o surdo.

Em relação aos dados, resultados e conclusões, obtidos através desta pesquisa, estes serão publicados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),

² De acordo com a Resolução CNS Nº. 196/96. Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos.

podendo também ser publicado ou apresentado sob outras formas (artigos científicos, seminários, etc.).

Eu, _____ estou ciente e concordo com os procedimentos a serem efetuados, participarei desta pesquisa por livre vontade, bem como autorizo o questionário para a coleta de dados e transcrição, não autorizo minha identificação.

Santa Maria, ____ de _____ de 2014.

Assinatura do acadêmico

Daiane Bairros Seeger

Anie P. G. Gomes

Anexo C – Entrevistas

Aluno A1

Entrevista com A1

Que tipo de escola você frequentou no ensino fundamental e médio?

Frequentei a inclusão na escola Cícero Barreto. Não tinha sala especial, assim a inclusão acontecia junto com o ouvinte. Desculpa, na primeira e segunda série era uma sala especial após o terceiro ano até a oitava série estudei em escola de ouvintes. Na oitava série falaram-me de uma escola chamada “X” e eu fiquei com vontade de conhecer. Falei para os meus pais e fomos conhecer e lá eu ingressei na oitava série. Da terceira a oitava série, eu não sabia nada de português e Língua de Sinais muito pouco. Quando eu ingressei na oitava série no “X” em 2002 eu tinha dezesseis anos e comecei a aprender a Língua de Sinais e a ter contato com o português. Conheci o “J” primeiro que sabe muito de português e percebi que os professores ouvintes também sabiam português. Logo, percebi que a “S” também sabia português e assim conclui que eu também precisava saber português. Diante disso, eu comecei a despertar a minha curiosidade, mas alguns surdos são diferentes, isso não é padronizado. Cada surdo tem sua consciência e a sua curiosidade. Eu tive muita curiosidade com o português e fui desenvolvendo, porém não tenho a perfeição no português, mas aprendi as palavras, consigo ler e desenvolvo a escrita mais ou menos. Ainda estou treinando, mas é muito difícil e isso é próprio do surdo. Estou desenvolvendo cada vez mais a Língua de Sinais e estou aprendendo e desenvolvendo o português também. Quando ingressei na UFSM comecei a ter contato com o português e achei muito difícil e solicitei presença da tradutora/intérprete.

O que motivou você a entrar no ensino superior?

Eu sonhava em ser educador físico. Queria ampliar meus conhecimentos e dar continuidade nos estudos, pois eu já havia concluído o magistério. Assim, ingressei na UFSM.

Como foi seu processo na aquisição da Língua de Sinais?

Primeiro a questão da identificação. Conheci outros surdos com Língua de Sinais pura e me identifiquei e assim foi natural. Somos surdos, somos iguais e esse processo de identificação acontece muito rápido. No magistério ensinei crianças que não sabiam nada de Língua de Sinais e vendo elas lembrava-me de mim. E essas crianças também aprenderam a Língua de Sinais muito rápido, fiquei surpreso com o processo de desenvolvimento delas em questão de meses. Quando retornei a escola essas crianças surdas estavam com pura Língua de Sinais.

Como foi seu processo na aquisição da Língua Portuguesa?

Foi difícil, foi decorado, foi memorização, ou seja, várias palavras com seu respectivo sinal. Primeiramente o sinal, aprendi através da Língua de Sinais, primeiro o sinal depois eu pegava um livro e anotava as palavras, ou uma revista, olhava as palavras, fazia os sinais, perguntava qual era o sinal para a determinada palavra, qual era o significado e memorizava. Quando esquecia eu perguntava de novo e esse era um processo incessante. Eu sou curioso, mas não são todos, depende, tem muitos surdos que não tem curiosidade sobre a Língua Portuguesa, então depende muito do surdo, do interesse de cada surdo, não podemos generalizar. Português perfeito não existe, mas é necessário estudar sempre, pois é um processo contínuo.

Qual língua você considera sua língua materna?

Meus pais não sabem Língua de Sinais. Minha mãe sabe um pouco, pois ela tem contato, mas meu pai não sabe, ele usa classificadores, não tem informação, usa a oralidade, a família é acostumada a usar este recurso linguístico oral. Percebo que tem outras famílias que possuem ouvintes com fluência em Língua de Sinais e respeitam os surdos, mas é diferente, depende de cada família. Com a minha mãe a comunicação é pouca, pergunto, converso, com o meu pai também converso pouco através de classificadores, mas não é uma comunicação clara. Eles acabam usando mais a oralidade, eu pergunto bastante para eles através do recurso visual, para poder entender, mas é diferente a questão familiar.

Você sente conforto linguístico em qual língua?

Língua de Sinais, muito mais gostosa.

A que você atribui a sua relação hoje com a Língua Portuguesa proveniente com a sua escolaridade?

Primeiro na escola inclusiva eu não tinha muita informação. Observava os ouvintes anotando bastante, observava e pensava que eu era esperto, que conseguiria compreender o português, mas não, eu não conseguia. Quando fui para a escola "X" com dezesseis anos comecei a questionar-me o porquê que eu não sabia português. Foi quando começaram a explicar-me que era devido eu ser surdo, mas que eu aprenderia, porém teria que ter muito esforço. Assim, comecei a estudar e aprender. Hoje tenho bom contato com a Língua Portuguesa em relação a leituras (diálogos através de leituras), como por exemplo, gibis, mas os textos da faculdade são difíceis, são complicados de entender, a troca com os ouvintes é complicada, preciso pedir para intérprete sinalizar e é através da Língua de Sinais que compreendo. Os textos acadêmicos são diferentes.

Ao ingressar na UFSM como foi seu processo inicial em relação à Língua Portuguesa?

Eu estou no sexto semestre. Quando ingressei na UFSM eu fiquei angustiado, fiquei pensando como vou fazer com o português, eu tinha vergonha, mas minha família me apoiou e a escola também. Com o tempo fui me adaptando e me acostumei, mas o português é difícil e é complicado.

Como acontece o processo de leitura? Recebimentos de textos, artigos, livros, os estudos e o seu retorno escrito?

Eu não leio sozinho, solicito a tradução em Língua de Sinais. Não tenho clareza dos textos, ainda mais textos acadêmicos, textos mais profundos. Solicito a tradução dos parágrafos. Troco com intérprete, mas também é difícil devido ao tempo disponível da intérprete. Em sala de aula eu observo as trocas dos colegas entre eles e com os professores, pois o intérprete sinaliza o que está sendo falado e assim percebo o que está sendo exposto no texto e contribuo. Realmente ler sozinho eu não consigo.

Como você se sente sendo avaliado na Língua Portuguesa?

As avaliações são traduzidas para Língua de Sinais, tem o enunciado em português, solicito a tradução e escrevo de forma complicada e após tem a tradução.

Preciso do intérprete para traduzir, porque o professor não entende a minha escrita, explico que é a minha língua própria. Sempre pergunto ao professor se após poderá haver a tradução do que eu escrevi e assim o professor tem clareza. Para acontecer à troca entre professores e intérprete marcamos um dia e um local, mas depende, se a escrita esta de forma clara e os professores entendem, não será necessária a tradução, agora se eu escrever e não ficar claro os professores solicitam a ajuda do intérprete. Por exemplo, eu chego à sala de aula, e o professor percebe a presença de um aluno surdo acompanhado do intérprete e assim explicamos que sou surdo e preciso da intérprete em sala de aula. Após, ao final da aula eu explico, sou surdo, minha língua é diferente e o professor entende.

Perguntas que surgiram durante a entrevista

Com quantos anos aprendeu a Língua de Sinais?

Pergunta respondida no início da entrevista. Complementando:

Aprendi a Língua de Sinais com dezesseis anos, mas com sete anos tive contato com surdo na inclusão, foi um contato tranquilo, ele sabia gestos. Outra vez avistei um grupo de surdo sinalizando, fiquei curioso e angustiado, pois eu queria aprender. Com cinco anos recebi a visita de dois adultos surdos em minha casa. Fiquei observando os dois sinalizando com as mãos. Meus pais os convidaram para ajudar, eles desenhavam, como por exemplo, papagaio, faziam os sinais, etc. Após, eles foram embora para a minha tristeza, por algum tempo fiquei perguntando deles e dizendo que gostaria de aprender Língua de Sinais. O contato com a Língua Portuguesa também foi com dezesseis anos.

Na sua trajetória escolar quais são as marcas em relação ao português?

Na verdade, na escola foi no "X", não podemos culpar os professores, disciplinas ou conteúdos; a responsabilidade é do aluno; no meu caso. Eu perguntava e o professor aceitava em me ajudar, por exemplo, o professor ensina o conteúdo e o aluno não tem interesse, não presta a atenção, depende do aluno, da consciência dele, depois chega ao ensino superior e fica apavorado, mas ele não teve interesse no português. Os alunos devem perguntar para o professor de português, devem questionar e buscar. Agora se ele não tem interesse ficam presos na Língua de Sinais e não tem contato com o português fica complicado. Diferente

do meu caso, pois eu sempre tive interesse. Eu agradeço a escola por ter me ajudado no português, pois foi com dezesseis anos que fui aprender e assim meu comportamento também melhorou devido a isso. Eu acho que a inclusão não é boa, eu fiquei muito agitado, sofri muito, foi bem complicado. Ter o contato com os surdos foi importante e com esforço eu cheguei aqui e com o tempo me adaptei. Nunca reprovei nas disciplinas do ensino superior, mas preciso estudar bastante. Tenho uma prima que sabe Língua de Sinais e é formada em Letras, ela me ajuda bastante e a troca acontece tranquilamente, ela me incentiva e deixa sempre bem claro que tudo depende do meu esforço. Em relação ao português os fatores negativos foram relacionados à inclusão, pois iam me passando de ano e eu não gostava disso, nunca gostei disso.

Faltam quantos semestres para a conclusão do curso?

Faltam dois anos e meio. Faltam treze disciplinas e mais algumas atividades complementares. Tenho que cuidar para não ser jubilado.

Livre

Em minha opinião, eu percebo que os alunos que frequentam só a escola “X” desde pequenos e crescem apenas com a Língua de Sinais, eles desenvolvem muito rápido em relação à aquisição da Língua de Sinais, mas tem dificuldade no português, ou seja, tem pouco acesso ao português. Já eu e outros colegas surdos que frequentamos a inclusão desde crianças e assim fomos expostos a esta aquisição. Mas claro não sabíamos o português, tínhamos a pressão dos ouvintes, a maioria eram ouvintes, o nosso comportamento era ruim, mas quando nos fomos para a escola “X” nos tivemos acesso ao português e a Língua de Sinais e notamos que com isso tínhamos um esforço maior vindo da inclusão. E assim nos questionamos sobre isso. Eu e os meus colegas hoje, os colegas que frequentaram a inclusão, hoje conseguiram ter um bom desenvolvimento.

Na escola “X” desde criança eles pensam em ir para a faculdade, mas alguns surdos sabem Língua de Sinais, porém ficam apavorados com o português. Acabam trancando disciplinas e não sabem nada de português ou também aqueles que não sabem nada de português também, mas continuam se esforçando, isso é bom; o apoio da família é importante.

Tu achas então, por exemplo, surdo na escola “X” tem só Língua de Sinais e chega ao ensino superior e acaba se assustando devido ao português?

Sim, porque aqui a inclusão se dá de forma diferente, a grande maioria é ouvinte. Os ouvintes falam a Língua Portuguesa e o surdo tem língua própria, e é minoria e quando chega aqui se assusta. Nos EUA e na Inglaterra existem universidades em que tudo é em Língua de Sinais e todas as pessoas sinalizam. No Letras/Libras também é tudo em Língua de Sinais, é um alívio, mas aqui na UFSM, o meu curso e os de mais? Eu penso em criar uma disciplina complementar de Língua de Sinais no curso de Educação Física para os alunos poderem participar, como acontece em outros cursos, terem contato com os surdos, com a língua. É complicado.

Concluindo:

Não é que eu pense que foi a inclusão que me deu força para eu conseguir estar aqui, não é isso. Por exemplo, o “G” participou da inclusão e está bem, me questiono sobre isso. Estamos acostumados com a inclusão e quando se chega ao ensino superior pensamos que é a mesma coisa e na escola “X” ficamos só na Língua de Sinais e se chega aqui e depara-se com português e pensa em desistir, portanto é preciso continuar se esforçando e permanecer no ensino superior, mas depende da escolha de cada um.

Aluno A2

Entrevista com A2

Que tipo de escola você frequentou no ensino fundamental e médio?

Comecei no pré em uma sala especial na escola Cícero Barreto, mas os professores não tinham bom atendimento. Minha mãe percebeu que não era um bom atendimento e ficou preocupada comigo, pois eu poderia ter prejuízos no futuro e assim minha mãe acabou me mudando para a escola Duque de Caxias. Nesta escola também fui para uma sala especial. A professora desta sala era formada em Educação Especial, também tinha outra professora, que atualmente é professora na escola "X". E assim, consegui me desenvolver e aprender a Língua de Sinais. Consegui escrever a Língua Portuguesa, mas eu não tinha uma percepção e nem uma preocupação da aquisição da Língua Portuguesa. Minha família sempre estimulou a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, mas estimulou muito a questão da fonoaudióloga. Depois eu acabei desistindo da fonoaudióloga.

Na segunda série do ensino fundamental fui para a inclusão e os alunos da classe especial foram divididos. Tinha intérprete, mas era a mesma pessoa que trabalhava na educação especial, assim a carga horária ficou complicada, pois eram diferentes salas. Tinha alunos surdos na primeira e segunda série e apenas uma intérprete. Cada sala tinha dois alunos surdos, então a intérprete se dividia entre as duas salas. Ela buscava saber a programação das turmas e se dividia entre as turmas. Eu aprendi, mas tive prejuízos. Os professores ajudavam, mas tive maior aprendizado na disciplina de matemática. A disciplina de português era difícil, pois não tinha comunicação, os meus colegas ouvintes terminavam as atividades e eu sempre ficava por último. Era necessário esperar a intérprete chegar, então foi um processo difícil. Depois, quando a escola "X" teve a sua inauguração, fui para a quarta série nesta escola. Continuei o aprendizado da Língua Portuguesa, mas eu percebo que os professores, apenas os professores estimulados e que motivam, dão dicas, são os que realmente aprendemos, mas eram poucos, a maioria não tinha esse interesse.

A minha prima percebeu e comentou que eu não era boa no português. Falei a ela que gostaria de respeito, pois eu sou surda e é difícil. Minha família também

dizia que era devido eu não ter comunicação e não havia desafios por parte deles em relação a isso. Existem famílias que se preocupam em oferecer cursos de português, por exemplo, pais ouvintes oferecem cursos de inglês aos filhos, mas na minha família não teve isso, eles pagavam apenas para eu ter aulas particulares de matemática.

Com o passar do tempo na quinta ou sexta série comecei a aprender o vocabulário, verbos, pronomes, adjetivos, diferentes questões da Língua Portuguesa. E assim, fui aprendendo com o tempo, mas descobri que a minha prima que tem a mesma idade e frequentava a mesma série que eu, tinha o aprendizado melhor que o meu em relação à Língua Portuguesa. Questionei a professora sobre isso e ela me enrolou. A partir disto, comecei a duvidar do aprendizado da Língua Portuguesa. Em 2009 fiz estágio no CIEE pela prefeitura. Trabalhei na escola “X” e ensinava as crianças com dificuldades nas disciplinas de português, matemática, ciências, e muitos professores não sabiam Libras e assim trabalhávamos juntos. Percebi que professores da oitava série estavam trabalhando com livros da quinta série. Fiquei surpresa e acabei conversando com a direção e coordenação. Questionei o porquê alunos surdos da oitava série estavam trabalhando com livros de quinta série? Falei que isso não estava certo, pois os livros deveriam ser de acordo com a respectiva série dos alunos. Novamente fui enrolada.

Após, fiz vestibular, passei e na primeira semana eu não tive intérprete, mas após duas semanas já passei a ter. Os colegas me ajudavam muito, pois os professores escreviam no quadro e muitas palavras eu não entendia. Os exemplos dados pelos professores eu também não conseguia compreender. Eu ficava angustiada por não compreender. Os professores solicitavam resumos, artigos, e eu comecei a ficar nervosa e pensei em desistir, mas meu namorado me aconselhou e disse para eu continuar firme e forte. Perguntei a ele como seria, o intérprete iria me ajudar? Ele pode escrever o que sinalizo? E o meu namorado me respondeu que sim e que isso acontece na graduação.

Teve um intérprete em específico que eu escrevi, na verdade antes eu escrevia o português da minha forma em uma estrutura diferente, mas pedia para o intérprete refazer a escrita. O professor pedia a escrita, por exemplo, história da vida, opiniões sobre o conteúdo, algo assim, e eu escrevi e entreguei ao intérprete. O intérprete me perguntou: o que é isso? Eu respondi: você combinou comigo assim, você arrumaria o português. E o intérprete falou que não, que não aceitava

este tipo de coisa. Nossa, eu fiquei chateada com isso e achei estranho, pois como um profissional intérprete não pode corrigir a estrutura linguística do português de um trabalho. Simplesmente ele me disse: você entrega ao professor, eu não vou ajudar, se ele vê esta abordagem de ajuda ele vai acabar pensando, coitadinho do surdo, não consegue aprender, você entrega e o professor deve compreender a estrutura linguística do surdo. Eu queria que o profissional tivesse a postura de corrigir o português, fiquei angustiada devido a isso, momento difícil.

No outro semestre troquei de intérprete e o intérprete aceitava ter essa abordagem. Conversei com os professores para haver a correção e os professores liberavam. Quando os professores não entendiam a minha escrita o intérprete estava autorizado a refazer. Este processo acontecia de forma tranquila, pois eu realizava os trabalhos, enviava para o intérprete, ele arruma a estrutura do português e logo enviávamos ao professor. No quarto semestre tive um projeto de TCC e voltou àquele primeiro intérprete que citei, mas também entra outra questão, a formação deste intérprete. Este intérprete não tinha ensino superior, tinha formação em ensino médio, e pensei será que ele é capaz de ajudar neste projeto. Ele começou a dizer que o professor falava termos difíceis e eu novamente fiquei angustiada, pois eu estava tendo prejuízos. Tinha o receio que o professor não entendesse o que eu escrevia ou até mesmo que eu não estava compreendendo a sua aula.

A partir disso, eu resolvi procurar o núcleo responsável pelos intérpretes. Na verdade, antes realizei reajustes na matrícula em algumas disciplinas. Escolhi algumas disciplinas da minha turma, mas a disciplina de segunda-feira era difícil e logo pensei no intérprete. Não sabia se ele daria conta. Eu escrevia e ele não compreendia e eu já tinha trauma com ele, pois sabia que ele não me ajudaria no português. Deste modo, como eu poderia participar, aprender e desenvolver? Pensei sobre isso e inclusive este intérprete acabou me mandando mensagem de texto para o meu celular solicitando a retirada desta disciplina de segunda-feira. Outros surdos já haviam retirado esta disciplina do semestre e o intérprete solicitou o cancelamento desta e a realização da inscrição em outra disciplina que fosse fácil. Com isso, fui ao núcleo responsável pelos intérpretes. Conversei com a responsável e solicitei a troca do intérprete. Expliquei os motivos ao qual eu estava solicitando a troca. Solicitei intérprete com formação superior, pois intérpretes com apenas ensino médio eu não gostaria, devido às disciplinas difíceis. Foi ofertado um intérprete com mestrado.

Este intérprete escutava as informações e me passava todo o conteúdo, inclusive escrevia bem, dava exemplos, trocávamos e-mails e realmente aprendi. Foi um processo diferente, eu realmente aprendi e queria evitar prejuízos futuros.

Em outro semestre tive uma disciplina de oralidade e leitura escrita, não combinava comigo esta disciplina, mas é obrigatório. Novamente tive como intérprete o mesmo que citei anteriormente, solicitei a troca devido aos problemas que tive com ele, mas continuou o mesmo intérprete e reprovei na disciplina. Faltou amadurecimento profissional deste intérprete. Eu já havia tido experiência com o português, sei que é difícil, sei que não tenho o português de forma correta, nunca vamos estar prontos e sei que não vou conseguir desenvolver totalmente o português, é a minha segunda língua.

O que motivou você a entrar no ensino superior?

Quero me preparar para o futuro profissional, ou seja, busco profissionalização.

Como foi seu processo na aquisição da Língua de Sinais?

Eu nasci ouvinte e fiquei doente. Tive meningite e com três anos fiquei surda. Por indicação comecei a frequentar o NEPES e a fonoaudióloga. Com três anos aprendi a Língua de Sinais.

Como foi seu processo na aquisição da Língua Portuguesa?

Acho que foi na escola "X", foi muito pouco. Aprendi mais na graduação, principalmente na disciplina de Comunicação da Língua Portuguesa. Não foi fácil, foi difícil, foi um desafio. Realmente eu sinto que foi devido à falta de estímulos, pois fui eu que busquei aprender e me esforcei para isso.

Qual língua você considera sua língua materna?

A Língua de Sinais, pois é a minha primeira língua.

Você sente conforto linguístico em qual língua?

Tenho acesso às duas línguas, mas o meu processo de oralização foi difícil. Com os meus colegas utilizo a Língua Portuguesa, mas de forma escrita. Não falo nada, é muito difícil. Depende, por exemplo, a questão da leitura labial, depende da

abertura da boca, depende de como vai ser articulada as palavras, se tem bigode, se for de pertinho eu consigo, mas não é cem por cento. Comunico-me através da Língua Portuguesa na modalidade escrita com os ouvintes e na comunidade surda utilizo a Língua de Sinais.

A que você atribui a sua relação hoje com a língua portuguesa proveniente com a sua escolaridade?

Acho que nunca conseguia muito bem, pois os professores não tem formação específica profissional para trabalhar com esta questão. Os professores que me ensinaram foram educadores especiais. Não concordo que uma professora educadora especial estivesse ensinando a Língua Portuguesa, pois queria professores formados em letras que pudessem ensinar de maneira adequada. Já briguei bastante na escola, mas não obtive respostas claras do que pergunto. Percebo que a escola quer ajudar e tem uma postura afetuosa, mas fico chateada, pois eu tive afeto quando estive lá, fui feliz, mas cheguei à graduação e notei a minha dificuldade em relação à Língua Portuguesa e isso me chateou.

Quando cheguei ao ensino superior depois de ter todo o afeto da escola e tive o contato com a Língua Portuguesa, foi complicado. Os meus colegas me ajudavam no início, pois o intérprete não aceitava, como já expliquei no início. Então, quando entrei na universidade e tive essa surpresa, fiquei angustiada e fui perguntar aos outros surdos que estão na graduação. Todos eles também têm este mesmo sentimento. As mesmas dificuldades, a comunicação com os colegas, às trocas de e-mails com os professores, intérprete e assim as pessoas falam e explicam que a universidade é mais difícil, que a escola é em nível inferior em relação a isso. Não concordo, eu acho que desde o início do ensino médio deve ter estímulos e preparação para o vestibular.

Ao ingressar na UFSM como foi seu processo inicial em relação à língua portuguesa?

Questão explicada no início da entrevista.

Complementando:

Foi bem diferente. Teve a questão do intérprete e alguns problemas com os professores, pois eles esqueciam que tinha surdo em sala de aula, por exemplo, colocavam frases expostas em data show para serem lidas e eu não consegui

enxergar muitas vezes. Quando percebiam acabavam pedindo desculpas. Durante anos os professores não precisavam se preocupar com isso. Muitos perguntam quais os materiais, metodologia, o que fazer, e assim ajudo e dou as dicas. A maioria dos professores perguntam, pois eles não têm conhecimento sobre isso. As pessoas usam termos, inclusive meus colegas, como surdo-mudo, deficiente auditivo, falta o conhecimento e assim ajudo dando dicas e explicando, mas alguns ignoram.

Como acontece o processo de leitura? Recebimentos de textos, artigos, livros, os estudos e o seu retorno escrito?

As duas formas, por exemplo, leio e entendo ok, se tenho dúvidas solicito a intérprete e ela sinaliza. Dependendo do contexto existem palavras diferentes e assim pergunto ao professor, por exemplo, a palavra educação pode ser vinculada a ensino e a uma pessoa educada. Então já aconteceu em uma apresentação de sala de aula, ainda bem que o professor não sabia Língua de Sinais, o intérprete ajudou-me, eu lia no português e ele traduzia a minha fala na Língua de Sinais, sinalizei o sinal de morro, pois eu havia lido morro. Mas na verdade o texto se referia a morro de natureza. Então são significados diferentes que acabei traduzindo de forma errada, já que verbo e local são diferentes, no caso verbo e substantivo. Devido à turma e o professor não saberem Língua de Sinais não teve problemas, mas o intérprete havia feito a leitura anteriormente e falou corretamente. Tive que aprender muito, pois tive um aprendizado atrasado, portanto houve um prejuízo.

Como você se sente sendo avaliado na Língua portuguesa?

Depende do professor. Algumas vezes são provas ou leituras, não existe um padrão. Às vezes é trabalho em grupo, individual, faço por e-mail e o intérprete realiza a organização do português e envio ao professor. Depende de o professor entender a minha escrita também. O professor sendo formado na área da educação especial, geralmente não precisa escrevo e entrego. Professores de áreas específicas, como por exemplo, filosofia, psicologia, pedagogia, solicitam ao intérprete a organização da Língua Portuguesa. Mando por e-mail ao intérprete ele organiza e envio ao professor.

Perguntas que surgiram durante a entrevista

Na sua trajetória escolar quais são as marcas em relação ao português?

Na verdade quando criança nunca percebi uma preocupação dos professores em relação à aprendizagem dos alunos para que pudéssemos ter um futuro melhor. Conversando com amigos no Facebook na época ainda Orkut combinávamos alguns encontros e os surdos escreviam bem o português e comecei a ficar confusa. Perguntava para eles onde eles haviam aprendido e rapidamente respondiam ter aprendido na inclusão e eu sou da escola “X”, comecei a ficar angustiada com isso. Por que eu sou diferente? Somos da mesma idade e eles escrevem bem e eu não? Então, achei estranho isso, percebi que todos que trabalhavam na escola “X” a formação era em educação especial, não tem formação em letras, história, geografia, são raros os professores de áreas específicas. Em relação ao português os fatores positivos são relacionados à UFSM e os negativos foram relacionados com a escola.

Livre

Bom, tenho uma preocupação com o futuro, vou me formar em pedagogia e espero que me chamem para trabalhar na escola “X”. Quero que as crianças sejam motivadas e não aconteça o que aconteceu comigo. Quero que tenham diálogos, conversas, desafios, e que a mudança aconteça. Formular um currículo interessante para que haja desenvolvimento dos alunos.

A família muitas vezes vê o aluno surdo como coitadinho, mas o surdo é capaz, é inteligente, o surdo precisa de estímulos e não o descredito da condição dele. Imagino que se estes surdos continuarem assim quando chegarem à faculdade vai ter o mesmo sentimento, nervosismo, angustia, não vão se sentir preparados, vão pedir ajuda aos colegas. Muitos colegas não vão querer ajudar, vão sofrer bullying, vão acabar ficando angustiados e muitos acabam ficando dependentes do intérprete e na verdade eles precisam ter autonomia.

Aluno A3**Entrevista com A3****Que tipo de escola você frequentou no ensino fundamental e médio?**

Entrei na escola com quatro anos em uma sala especial para surdos, para alfabetização durante quatro anos, e assim me preparou para a inclusão. Da primeira até a oitava série foi em escola pública normal e tinha outros surdos, pois na escola de Santa Cruz tinha esta especificidade. Depois, fui para outra escola cursar o ensino médio. Foi complicado, pois a escola não estava preparada para receber surdos, faltava intérprete, então foi diferente.

A minha alfabetização do português começou em casa, tinha fonoaudióloga, tinha estímulos e a escola também me deu apoio.

O que motivou você a entrar no ensino superior?

Na verdade, queria aprender mais, ampliar meus conhecimentos e é uma área de interesse o jornalismo. Queria aprofundar meus conhecimentos, pois sempre tive muita informação desde criança.

Como foi seu processo na aquisição da Língua de Sinais?

Foi aos quatro anos quando entrei na escola. Tinha alfabetização na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais, portanto foi ao mesmo tempo.

Como foi seu processo na aquisição da Língua Portuguesa?

Pergunta modificada durante a entrevista:

Então, tanto a Língua Portuguesa quanto a Língua de Sinais a aquisição das duas línguas foi ao mesmo tempo?

Bom, essa é uma boa pergunta, pois eu comecei com quatro anos como falei, mas também frequentava a fonoaudióloga. A fonoaudióloga deu dicas para a minha mãe colocar o nome escrito em todos os objetos da casa. E na rua também a mãe ficava estimulando o visual, no supermercado também. Então foi um processo de estímulos familiares, pois todos os ambientes que frequentávamos a minha mãe ficava falando o nome das coisas, etiquetava os objetos, móveis em casa. Por

exemplo, a questão do vento, eu perguntava: O que é isso (a palavra vento)? Minha mãe pensava como iria explicar o vento. Eu olhava a palavra vento e questionava. A minha mãe assoprava e eu pensava que vento era assoprar. Minha mãe dizia: Não, não é assoprar. Então, ela me levava para fora, para eu ver as árvores balançando e dizia: Isso é o vento. Enfim, a questão do conceito da palavra escrita para eu entender o que significava, minha mãe teve um papel importante nesse aprendizado.

Qual língua você considera sua língua materna?

Minha primeira língua foi a oral e com a minha mãe só usei a oralidade. Na escola eu usava a Língua de Sinais, mas na família eu usava a oralidade. Então, são dois “mundos” que frequento tranquilamente, pois me considero bilíngue.

Você sente conforto linguístico em qual língua?

Sinto-me bem na Língua de Sinais, mas às vezes, por exemplo, tendo necessidade eu escrevo. Sinto-me capacitado para as duas línguas, mas realmente sinto-me mais seguro na Língua de Sinais devido a questões de identidade e familiaridade com a Língua de Sinais.

A que você atribui a sua relação hoje com a Língua Portuguesa proveniente com a sua escolaridade?

Não é especialmente devido à escola, mas devido ao meu interesse em ler bastante. Desde os meus três anos eu lia histórias em quadrinhos e tinha interesse e também minha mãe me dava muito material. Eu pedia para ler, desde criança gostava muito, pedia livros de histórias, minha mãe me dava, explica, escrevia no quadro que tínhamos em casa, minha casa parecia uma escola. Todos os dias tinha o contato com a Língua Portuguesa, minha mãe me estimulava muito. Então, eu não dou esta questão apenas à escola, mas a minha mãe pela sua dedicação, estímulos e motivação em ensinar-me estas coisas em casa. As frases, a questão da estrutura das frases era na fonoaudióloga. Escola também, mas era muito fraco, o professor não era extremamente em Língua de Sinais, não era fluente em Língua de Sinais.

Da primeira à quarta série não tinha intérprete, era junto com os colegas, e na verdade eles eram os intérpretes. Precisava também usar a oralidade. A partir da quinta série passou a ter intérprete, assim passei a sentir-me mais motivado. Então, da primeira à quarta série eu não tinha muita motivação e tive dificuldades no

português. A partir da quinta série comecei a ser motivado e a Língua Portuguesa melhorou.

Ao ingressar na UFSM como foi seu processo inicial em relação à Língua Portuguesa?

Na verdade, não me senti limitado em nada, pois meu processo de leitura é tranquilo, escrevo muito bem também, claro que tem alguns detalhes da Língua Portuguesa que consigo me adaptar.

Ao ingressar na UFSM no primeiro semestre durante um mês não tive intérprete, mas logo foi resolvido.

Como acontece o processo de leitura? Recebimentos de textos, artigos, livros, os estudos e o seu retorno escrito?

Sempre leio jornais, textos, resenha, escritas, trabalhos, artigos, então, sempre leio sem problemas.

Como você se sente sendo avaliado na Língua portuguesa?

Tranquilo. As provas eu escrevo em Língua Portuguesa, nunca utilizei a Língua de Sinais para provas, pois todo o meu ensino fundamental e médio foi com isso. Tive uma boa aquisição em relação à Língua Portuguesa, pois eu sempre escrevi e no ensino superior continuei com esse processo de forma autônoma.

Perguntas que surgiram durante a entrevista

Na sua trajetória escolar quais são as marcas em relação ao português?

Lembro sim, quando estava perto do último ano, perto da inclusão, teve um professor que todos os dias ele escrevia muito, me desafiava. Pedia que eu escrevesse e me dava muitos textos, o estímulo dele era diário. Ele queria me motivar, pois ele dava-me palavras, desenhos, perguntava-me os nomes, era obrigado a levar o dicionário, o professor procurava materiais diversificados de forma escrita, fazia uma avaliação de forma diferenciada também. Sempre me perguntava se eu havia entendido a forma escrita e o respectivo conceito. Ele foi muito chato, mas um ótimo professor, pois foi um marco em relação à Língua Portuguesa.

Este relato é um fator positivo que destaco em relação à Língua Portuguesa, pois o professor me motivava e buscava coisas novas. Em nenhum momento notei desmotivação neste professor.

Alguns colegas não tinham em casa a questão da leitura, os familiares não o motivavam e no meu caso eu tive isso. E com o professor me estimulando, melhor ainda. Então, também acho que o interesse pessoal em relação ao que o professor esta oferecendo é importante, portanto o esforço pessoal também é positivo, pois agrega à motivação, o aluno já tem esse interesse.

Destaco como fator negativo em relação à Língua Portuguesa uma fase em que tive muita dificuldade em escrever o português. Foi quando entrei na quinta série eram “temas” mais difíceis, eu escrevia e as pessoas não entendiam, eu tinha que repetir e repetir. Portanto, tive um atendimento individual para tentar sentir-me capacitado e isso acabou se tornando um fator positivo depois. Foi uma fase complicada, mas faz parte da caminhada, foi um “tombo” e eu retornei a caminhada, é um processo.

Livre

Na verdade, no começo do ensino da Língua Portuguesa o melhor é ensinar a Língua de Sinais primeiro, pois ele nasce e os pais são ouvintes, não tem como aprender a Língua de Sinais e acaba aprendendo depois na escola. Assim, ele acaba aprendendo primeiro o português e é difícil a falta de comunicação, não consegue. Depois com quatro anos eu comecei ir à fonoaudióloga e assim tive uma ligação com a oralização. É importante o português, principalmente em casa, não tem a desculpa de ser surdo, temos a Língua de Sinais para ser aliada à Língua Portuguesa. No meu caso foi ao contrario, primeiro tive a oralização e na escola comecei a ter a Língua de Sinais, mas a maioria dos surdos frequenta um “mundo” diferente, um “mundo” mais fechado. Eu acho importante nos sermos sujeitos bilíngues, pois muitos surdos não compreendem a questão do conteúdo bilíngue, não conhecem a realidade do bilinguismo. Discutimos muito isso, alguns concordam outros não. É um assunto polêmico ao qual estamos vivendo hoje e é um momento importante para o bilinguismo. Importante continuarmos com isso, pois entendo a Língua de Sinais aliada à Língua Portuguesa. Precisamos aprender para não dependermos de outras pessoas, os sujeitos precisam ter liberdade e serem autônomos, tem que frequentar os lugares que preferir. E para isso ele pode usar a

modalidade escrita, ou seja, usar isso para ter acesso. Tive muita influência da fonoaudióloga, mas é meu caso, tem diferentes casos e estou falando do meu, da minha experiência. Mas tem a questão da cultura, comportamento, estratégias de cada um utilizar, e isso é particular. Também os pais terem influência positiva é importante, as estratégias utilizadas em casa também são importantes.